

A CASA TOMBADA
DULCE CAMPOS DE MEDEIROS

RESSURGÊNCIA ou AFLORAMENTO

Cabo Frio

2022

DULCE CAMPOS DE MEDEIROS

RESSURGÊNCIA OU AFLORAMENTO

Dissertação apresentada no final do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* “A Natureza que somos: filosofias e práticas para uma ação genuína no mundo,” da Casa Tombada, como requisito para a obtenção do Certificado de Conclusão.

Cabo Frio

2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Caio, Davi e Tito e ao meu marido Eduardo.

Às queridas professoras Rita Mendonça e Ana Carol Thomé

SUMÁRIO

1. Introdução.....	4
2. Caminhando juntos.....	8
3. Ressurgência ou afloramento.....	11
4. As Marés.....	13
5. Antes de ser casa.....	15
6. O nascimento.....	16

1. INTRODUÇÃO

Caminhando. Ou o que me move e o que me paraliza.

Rio de Janeiro, sol de outono, ventinho suave. Escrevo enquanto meu filho brinca no parquinho do condomínio. O parquinho recebeu novos brinquedos, coloridos e de plástico. Chão emborrachado para maior segurança das crianças. Ele brinca com o novo amigo de batalhas de galhos. Eu sigo minhas batalhas entre o que sonho e o que consigo realizar. Sinto falta do “gramadão”, um imenso gramado com poucas árvores formando um pomar. Logo surgirão quadras de esportes. Nossos piqueniques vão para outros lugares. E a vida segue o fluxo e o movimento de ser e estar. Ser e vir a ser. Eu sigo tentando achar o meu lugar. O meu espaço.

E neste fluxo, imersa no meu isolamento, bem dentro de uma pandemia, entre o caos organizado que vivo com meus três meninos, vi o chamado para cursar a pós Natureza que Somos. Logo se acendeu uma fagulha de vida em mim. Um desejo de Natureza e de Ser. Percebi a oportunidade de ter um tempo para mim. Um tempo de estudos. Um tempo de reconexão com a minha própria Natureza. Um tempo para mim. E na primavera as aulas começaram. E as primeiras perguntas ainda me acompanham.

Porque você veio fazer o curso? Onde é o seu lugar em Gaia?

Ainda sinto as perguntas vibrarem dentro de mim. Respondê-las tem sido minha grande tarefa. Ainda em buscas das respostas. Escrevo no meu caderno o que me faz sentir. O que me faz viva. O que me conecta. Vejo as perguntas quase que como uma só. Buscar o curso é também buscar o meu lugar. Parece que as perguntas se complementam. No início do curso respondi rapidamente que busquei no curso um espaço de retomada dos estudos. Um espaço para mim. Então na nossa última aula, veio o porque e outros porquês. Porque eu preciso desse percurso e dessas horas e provocações para ter esse espaço? Enquanto eu tentava responder fui interrompida por chamados do meu filho. A vida pulsa dentro da casa fechada. Meus meninos me chamam e gritam pela minha atenção. Eu quero estar com eles e sinto que cuidar é o melhor que posso fazer agora e também o que devo fazer. Ainda assim preciso cuidar também de mim. Fazer o que me faz viva. Talvez eu precise percorrer novos caminhos e me

desafiar ainda mais para de verdade ser a minha própria Natureza.

Sigo.

E alguns caminhos me levaram para Corumbá, MS, onde viveu Manoel de Barros. Penso nele e nos seus caminhos, na sua poesia. Busco a minha voz, a minha poesia no viver. E no meio dessa temporada em Corumbá, um vírus nos pausou. As queimadas nos isolou ainda mais. E seguimos por dentro.

As paredes altas do muro branco da casa me protegiam, mas ao mesmo tempo me impediam de estar na natureza. Restava olhar o céu. Um céu às vezes cinzento e em chamas. O Pantanal estava queimando. Eu sentindo uma grande solidão. Me sentindo aprisionada na casa, ouvia ecos da pergunta. Qual o seu lugar em Gaia?

Me mudei. Parti do Pantanal assim que a estrada parou de queimar e segui rumo ao Rio. Rio que é a minha casa. Lembrei das minhas referências e memórias de criança. Pensei nos lugares e cheiros que me completavam. Ou que me faltavam naquele momento.

A viagem foi às pressas e quase uma fuga. Eu buscando me encontrar. Buscando voltar para casa. Buscando amigas, família, colo de mãe e de natureza.

Sentia falta da brisa do mar. Do pé na areia e do cabelo salgado. Sentia falta de abraços. De família. Precisava de família para os meus meninos.

No caminho quilômetros de queimadas ficaram registrados na memória. Todo o verde que me recebeu na chegada agora eram manchas de árvores pretas e retorcidas. Senti não ter feito nada pelo Pantanal. Senti por não conseguir permancecer. Senti não ter conseguido me conectar com aquela natureza. Por vezes tão selvagem e amedrontadora. Mesmo que em formas de pequenos escorpiões.

A estrada ainda era longa. Guardava a surpresa de que eu não teria a casa da minha mãe para chegar. De novo me senti sozinha e sem lugar.

E continuamos.

No percurso, fiz algumas aulas em hotéis. Pouco espaço para dançar com a

Naine Terra. As marcas do meu corpo precisavam de mais espaço. Eu, a dança e meus filhos e marido não cabíamos naquele quarto.

Eu precisava de mais espaço. Eu precisava encontrar o meu lugar.

Dois hotéis depois e alguns dias se passaram e fomos morar na casa da minha avó. A casa que era também minha acolhida na infância. Encontro com as histórias da vovó Irene, com as primas e tias. Me sinto acolhida. E fiquei por lá por alguns meses à espera de um novo lar. Nesta pausa pude revisitar as ruas por onde morei até os meus 16 anos. Conversas na calçada. Crianças correndo na vila. Paralelepípedos. Sons e cheiros. Amendoeiras. Uma ladeira enorme e íngreme. Ouvir o som da buzina do padeiro e sentir o cheiro de bolo e cheiro de vó. Me senti aquecida e pronta para continuar a minha caminhada.

Enfim, cheguei a um novo apartamento. Ainda em transformação. Transformação em lar. Bem perto de onde eu imagino ser o meu lugar em Gaia. Será que é aqui? Então se for mesmo aqui, será que posso me aquietar e fazer o que mais gosto? Será que posso voltar a ser fotógrafa? Será que posso me aventurar de novo?

Arrumo tudo. Sinto a lombar. Continuo. Abro mil janelas no computador e na vida. Encontro novas histórias. Novas famílias. Encontros. Organizo as imagens dos últimos anos. Me revejo nas fotografias. Me reinvento. Com a câmera na mochila vou para onde vejo conexões. Primeiro recomeço a fotografar a minha família. Com tudo que tem de beleza e caos. Aceito as imperfeições. Vejo beleza. Encontro outras famílias. E continuo caminhando. Buscando conexões que me fazem viva.

E nesta dança, entre ser mãe e fotógrafa e autora da minha própria história, surge a minha planta. Plantinha que me ajudou a ver o ouvir. Ela chegou e eu não sabia onde seria o seu lugar na casa. Queria que ela ficasse bem perto dos meus olhos. Na mesa de jantar ou na mesa do computador. Eu protegia o seu espaço como eu tento proteger o meu. Me via na planta. Esbarravam nela, eu a mudava de lugar. Era quase uma dança. Ela dançava entre a mesa de jantar, a mesa do computador e a bancada da cozinha. Eu também. Passeou na varanda por uns dias, mas tive medo do sol ser forte. Voltei. E juntas, eu e ela, fazíamos essa dança diária. Eu protegia a minha planta e ela me protegia. Eu gritava: Olha a minha planta! E era como se eu gitasse: Olhem para mim! Estou aqui! Eu existo!

E nesta dança eu finalmente abri o espaço que precisava nas mesas e bancadas. Descobri um ótimo lugar para a minha planta na varanda. O sol chega suave agora no outono. Ela cresce rapidamente e lindamente. E eu já não me preocupo tanto com o lugar dela e o meu. Sinto que ela está bem. Me sinto bem também.

Não sei ainda se é esse o meu lugar ou mesmo se existe um lugar para cada um aqui em Gaia. Nem mesmo sinto que preciso me aterrar em determinado endereço e ser rígida, plantada mesmo como uma árvore. Nas minhas últimas andanças para fotografar outras famílias, me vi no meu lugar, mesmo sendo em qualquer lugar.

E sigo regando minha planta e ela a mim.

“ O abandono do lugar me abraçou de com força.
E atingiu meu olhar para toda a vida.
Tudo que conheci depois veio carregado de abandono.
Não havia no lugar nenhum caminho de fugir.
A gente era como um pedaço de formiga no chão.
Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo.”

BARROS, Manoel (2005).

2. Caminhando juntos.

Acordo com o Tito. Ele me pergunta se vamos à “folesta”. Acordo feliz e digo sim. Tomamos café e logo a mochila está pronta. Alguns lápis de cor, um caderninho, a minha câmera fotográfica, tangerinas, bananas e água. Ele empolgado pensando nos animais que vai encontrar na floresta. Será que vamos ver uma tartaruga? Será? E o jacaré? Hoje vamos na casinha dos passarinhos? Vamos no parque “Paramendi”? Eu planejando como convencer o Caio e o Davi para irem conosco. Tento pensar nas leituras que tenho feito. Busco nas experiências da Rita Mendonça e do Joseph Cornell inspiração. Leio e releio as atividades propostas nos livros Vivências com a Natureza. Como propiciar essa religião? Quando nos perdemos? Qual a diferença entre os 3, os 10 e os 40 anos? Será que o confinamento e a pandemia do COVID nos afetou tanto? Como eu, mãe de 3 meninos, consigo estar de novo com eles na natureza? O que é preciso para voltarmos para a natureza? Ainda que sejamos natureza, como consigo refazer essa conexão? Como propiciar essa conexão sem que seja percebida como uma imposição?

Converso com outras mães. Converso no parquinho do condomínio procurando outras famílias que queiram companhia. Procuo grupos de meninos mateiros. Ainda não achei a forma de estarmos juntos nesse caminho.

Deixo o Caio e o Davi com seus computadores na casa da avó. Lembro do menino citado no livro “A última criança na natureza” do Richard Louv que preferia brincar dentro de casa porque é onde há tomadas. E assim também estão os meus filhos mais velhos. E sigo para o Parque Marapendi com o Tito.

Deixo eles com tristeza. Quero a companhia de todos. Quero a presença dos meus filhos. Penso na minha infância e nos percursos que fiz até aqui. Estávamos sempre na natureza, embora esse não fosse o objetivo. E sim estarmos juntos. A Floresta da Tijuca era o cenário perfeito para tardes com toda a família. Pais, tios, primos e amigos. A praia da Barra era garantia de alegria. E as montanhas de Minas Gerais e o ar geladinho dos caminhos da casa dos avós eram puro deleite. Na adolescência os acampamentos e os encontros com os amigos. E agora sou mãe. Mãe de 3!

Revejo também o comecinho da vida dos meus meninos. Parto natural. Amamentação. Chão. Terra. Praia e cachoeiras. Caminhadas. Caminhávamos todos os dias. No carrinho, ainda de bebê, guardávamos folhas e gravetos. Sementes e frutos. Muitas pedras. Frutas do pé. Não precisávamos de muita coisa. Eram caminhadas na vila onde morávamos. Caminhadas na praia e na lagoa bem pertinho da nossa casa.

E também tínhamos o quintal. O nosso quintal era um grande parque de diversão. Plantávamos um pouco de tudo. As batatas doces cresciam de dentro das composteiras. Plantamos milho coloridos, maracujás, mandiocas, tomates. Também colhíamos muitas frutas das árvores da nossa casa e das casas vizinhas. Pitangas, acerolas, tangerinas, mangas, até jaca e abacates.

E assim o Caio ia crescendo. O tempo “livre” de brincar e caminhar sem preocupação ia diminuindo. Novas atividades começaram a competir com o nosso tempo. Ele agora fazia aulas de futebol. Depois o judô e a natação. E o tempo de mãe agora era compartilhado com o Davi. Surgiu então os *dvds* com músicas. E a TV com desenhos animados. Ainda não tinha acesso a celulares ou computadores, mas a TV ganhou um destaque que me incomodava.

E seguimos, eu, o Caio, com 5 anos, e o Davi, com quase 3, para a Bahia. Moramos por alguns meses numa ecovila. Sonhando com um paraíso e um bom tempo de reconexão. Novas experiências. Aprendizagem na prática. Voltei ainda mais empenhada em trazer para o nosso cotidiano as boas práticas ecológicas que havia aprendido por lá.

E descobri como é difícil viver sem uma comunidade, como precisamos de aldeias. Continuo procurando construir aldeias. Em Cabo Frio juntamos outras famílias e construímos a Aldeia Viva. Casa que acolheu nossas brincadeiras e foi nossa aldeia por um tempo.

E então chegou o Tito! Mais atividades extras completavam a rotina dos meus filhos mais velhos. Eu me dedicava intensamente ao caçula. E logo estávamos no meio do Pantanal. De um lado o fogo e do outro o vírus. Nos trancamos em casa. E as telas dominaram nossos dias. Aulas e diversão. Jogos de *videogame*. E desde então busco essa reconexão.

Como os pais podem devolver esse tempo de natureza para as crianças?

Aqui busquei descrever fragmentos da história da nossa família, porque percebo que mesmo famílias que entendem a importância da natureza e do livre brincar, acabam tendo uma série de dificuldades neste percurso.

Percebo que juntos, formando grupos, como bom mamíferos que somos, conseguimos fortalecer as relações, os encontros com a natureza, e quem sabe sermos mais humanos.

Então, como nos diz a Ana Carol e a Rita Mendonça “o grande desafio hoje não é unicamente proporcionar oportunidades e estímulo para que as crianças brinquem com a natureza, mas que todos, adultos e crianças se apaixonem por ela”.

“Desde o começo do mundo água e chão se amam e se entram amorosamente e se fecundam. Nascem peixes para habitar os rios. E nascem pássaros para habitar as árvores. As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das suas lesmas. As águas são a epifania da criação. Agora eu penso nas águas do Pantanal. Penso nos rios infantis que ainda procuram declives para escorrer. Porque as águas deste lugar ainda são espriadas para alegria das garças. Estes pequenos corixos ainda precisam de formar barrancos pra se comportarem em seus leitos. Penso com humildade que fui convidado para o banquete dessas águas. Porque sou de bugre. Porque sou do brejo. Acho agora que estas águas que bem conhecem a inocência de seus pássaros e de suas árvores. Que elas pertencem também de nossas origens. Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas as plantas. Vez que todos somos devedores destas águas. Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa inocência de nossas origens.” BARROS, Manoel (2005).

3. Ressurgência ou afloramento

Ressurgência é um substantivo feminino que significa “característica ou particularidade de ressurgente; qualidade daquilo que ressurge. Ação ou consequência de ressurgir”

O afloramento ou ressurgência (ou exsurgência ou surgência) é um fenômeno oceanográfico que consiste na subida de águas subsuperficiais, muitas vezes ricas em nutrientes, para camadas de água superficiais no oceano. Essas regiões têm, em geral, alta produtividade primária e importância comercial para a pesca. A ressurgência é um tipo de movimento vertical da água induzido pelo movimento horizontal de massas de água gerado pelo vento (transporte de Ekman). O movimento oposto à ressurgência é denominado de subsidência, que é o deslocamento de água superficial para camadas subsuperficiais (RIBEIRO, 2022).

Esse foi o tema de uma viagem de campo que fiz na 7^a. série com os meus colegas de turma e guiados pelo nosso professor de biologia, Diniz. Lembro bem do seu nome e do seu jeito de falar. Ele nos explicou um pouco sobre o lugar que estávamos. Eu anotei tudo numa prancheta. Fiz desenhos. Visitamos o Museo Oceanográfico. Lembro de suas aulas e de tamanha beleza nos seus desenhos no quadro negro. Hoje escrevo esse texto da mesma praia que um dia estive e que me encantei. Estou na praia das Dunas em Cabo Frio, RJ. Sentindo o mesmo vento forte e as suas águas geladas vindas da Antártica.

Será que escolhi estudar Biologia por causa deste dia? Será que foi com essa aula? Ou será que foi por ver esse novo modo de olhar para o mar do meu professor Diniz? Sei que a semente estava bem ali. Não sabia ainda do percurso. Não sabia da semente que guardava aqui dentro. Me alimentava dos encantamentos de alguns biólogos que encontrava por onde passava. Era um olhar diferente. E assim escolhi a biologia. Achei que seria cientista. Hoje no percurso da pós entendo um pouco melhor sobre a minha busca. Continuo encantada com as novidades do percurso. Vejo a vida com novas lentes. Me permito colar nas coisas que estudo. Me permito estar inteira nas ações do dia a dia. Me permito estar presente e aceitar as imperfeições e as incertezas. Assim sigo trilhando o meu caminho.

De volta para a minha casa, na parede da minha sala o mapa da Antártica me mostra linhas e divisões das baías de lá. Mostram também o tempo que maternei aqui sem a presença do meu marido que estava por lá. Sozinha. Sinto que mergulhei bem fundo neste mar. Tão fundo e num lugar tão cheio de vida e de muita matéria orgânica que logo precisei de um novo movimento para ressurgir. Não sei que movimento foi esse, rotação da Terra, ventos, outras águas. Mas eu

precisava respirar. E esse tempo de estudos da Pós-graduação foi assim para mim. Um ressurgir. Olhar para a Natureza que sou. A Natureza que Somos. Me encantar com os movimentos e deixar fluir novos futuros.

4. As Marés

O percurso desta pós-graduação gerou diversos movimentos. Me permitiu um tempo de aprofundamento na minha experiência como bióloga, fotógrafa, mãe. Eu revisitei constantemente a minha maternidade. Revisitei a minha história na fotografia. Me encontrei de novo com a bióloga que fui.

No começo meu objetivo era descobrir novas ferramentas práticas para uma atuação mais genuína no mundo. De que forma eu poderia *mudar* o mundo. *Salvar o mundo*. Assim como a Dulce-bióloga de 18 anos que acabava de entrar na faculdade. E não demorou muito para que eu percebesse que não era esse o meu caminho. Mas eu ainda tentava *salvar* meus filhos do Déficit de Transtorno de Natureza. E inventava mil formas de estar com eles *Na Natureza*. Talvez só agora, já no final do curso que eu te tenha entendido que ninguém precisa ser salvo. Ou que talvez só eu precise. Não salva, mas entendo que eu agora posso me reencontrar. Me redescobrir. Os movimentos gerados pelas perguntas que ecoaram em mim me trouxeram coragem para também aceitar o tempo dos meus filhos. E os seus caminhos. Me trouxe um tanto de paz.

Os encontros nas terças-feiras eram mais que aulas ou encontros com amigos. Eram reconhecimentos. Eu me via em outras falas e também era vista. Sou tímida e falo pouco. Ainda estou exercitando esse novo lugar. Um lugar ainda deslocando de quem eu fui antes da maternidade e quem eu sou agora. Ainda em processo de estar neste mundo e ter uma voz. Ou somente ter coragem de falar.

Então, tem sempre a hora de compartilhar. A hora de trocar ideias. E aqui estou envolvida por livros e grandes pensadores. Eu pequena. Precisando de ajuda para ver o mar. Precisando de poetas para me ajudarem a respirar.

Então eu me coloco diante desse mar imenso. Mar que é também mãe. Mar que sou eu e o meu materno. Mar que é a minha mãe. É a minha sobrinha e a minha irmã. Mergulho. Mergulho neste mar que me inspira a ser a mãe dos meus meninos. E que também é o meu colo. Nele eu entro. Flutuo. Me sinto em casa. Por vezes sinto a força das ondas puxando o meu corpo. Outras vezes ele é suave e parece fazer carinho. Tem dias que parece que falta pé. Sinto que estou cansada e que preciso salvar os meninos. Eu no mar. Eu tentando respirar.

E é dentro de turbilhão de sentimentos e emoções que mergulho na minha fotografia de mães, de pais, de bebês, de famílias. Fotografo para me apropriar das imagens que me formam. Fotografo para sonhar. Fotografo para sentir e sentir de novo. Reviver. Fotografo para tentar entender. Fotografo para guardar em detalhes o que ainda não consigo perceber. Crio histórias. Entro em outras

histórias. Onde sou eu e onde são outros? Ainda não sei. Apenas continuo fotografando.

Talvez num próximo ensaio eu busque entender.

Hoje eu só preciso estar presente. Com os sentidos dispostos a perceber. Com tempo para contemplar. Tempo para demorar.

“Diego não conhecia o mar.

O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areias, depois de muito caminhar, o mar estava em frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

Me ajuda a olhar!”

Eduardo Galeano.

O Livro dos Abraços.

5. Antes de ser casa

Antes de pensar em ser casa para outro ser humano. Antes de começar a ser mãe. Eu precisei ver outras mulheres. Fotografar seus corpos crescendo. Entrar em trabalho de parto junto com elas. Fotografar seus partos. Me emocionar com os primeiros olhares. Sentir os cheiros. Eu precisava estar ali. Vivendo essas sensações. Me nutrido com as experiências dessas mulheres. Afinal, eu nunca tinha visto um nascimento. Nunca tinha cuidado de um bebê. Na nossa tribo, cada uma cuida de si e dos seus bebês. Pouco se compartilha desses cuidados.

Então foram mais de 3 anos fotografando grávidas, partos e bebês. Ouvindo relatos de parto. Assistindo vídeos de partos pelo mundo. Sonhando com o meu bebê e o meu parto. E questionando a forma como a maioria dos bebês chegavam ao mundo. Lendo e estudando sobre o assunto. Planejando um parto humanizado, sem nunca ter visto um ao vivo.

Lembro do dia que ouvimos o coração acelerado do meu filho. Como esperei por esse dia. E demorou um tanto. Um pouco mais que eu imaginava. Exames e remédios. Eu já estava quase aceitando não ser mãe. E foi aí que eu engravidei. Mas acho que esse foi mesmo um tempo de preparo. Um tempo para que eu conseguisse encontrar pessoas que me ajudaram a realizar o meu sonho de ter um parto humanizado. Um parto com respeito.

6. O nascimento

“No início, éramos todas e todos o mesmo ser vivo. Compartilhamos o mesmo corpo e a mesma experiência. Desde então, as coisas não mudaram tanto. Multiplicamos as formas e maneiras de existir. Mas ainda hoje somos a mesma vida. Há milhões de anos, essa vida transmite-se de corpo em corpos, de indivíduo em indivíduos, de espécie em espécies, de reino em reino. Certamente, ela desloca, transforma-se. Mas a vida de cada ser vivo não começa com o seu próprio nascimento: ela é muito mais antiga.” COCCIA, Emanuelle (2020)

A vida gerada agora pelo meu corpo me transformou profundamente. Antiga e recém nascida, a vida em mim e nele. Eu sentia meu corpo e os movimentos. Sabia o que precisava fazer. Acessava um conhecimento que não estava nos livros ou vídeos, nem mesmo nas fotografias que eu fiz de outros nascimentos. Eu tinha parido ou ele nasceu. Estava partida e unida ao meu filhote.

A chegada do meu primeiro filho foi rápida. A dança foi intensa. Ele nasceu na água. E eu experimentava uma nova metamorfose.

Só não tinha ideia do tamanho da metamorfose que experimentaria no corpo e na alma.

<https://youtu.be/urnOin7rpB0>

La mer

Anais Sylla

<https://open.spotify.com/album/2z5ng0Lswv6PoKW6qePkKV?highlight=spotify:track:34ES4ZVWIJ407T6V31flsd>

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Manuel de. **Menino do Mato**. 1^a.edição. Rio de Janeiro. Objetiva. 2005.

COCCIA, Emanuelle. **Metamorfoses**. 1^a. edição. Rio de Janeiro. Dantes. 2020.

CONEXÃO PLANETA. **Criança e natureza: como fortalecer este encontro**. Disponível em: <<https://conexaoplaneta.com.br/blog/crianca-e-natureza-como-fortalecer-este-encontro/>>. Acesso em: 23 de outubro de 2021.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a natureza, 1: guia de atividades para pais e educadores**; São Paulo. Aquariana. 2005.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a natureza, 2: novas atividades para pais e educadores**; São Paulo. Aquariana. 2008.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. 1^a. Edição. São Paulo. Aquariana. 2016.

RIBEIRO, Carolina. **Ressurgência**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/geografia/ressurgencia/>>. Acesso em: 29 de março de 2022.